

APERITIVO PARA UMA LEITURA DE

L'OEUVRE AU NOIR

DE

MARGUERITE YOURCENAR

Zenão é uma personagem fictícia de um romance. Mas, mais do que isso, Zenão poderia ter sido um actor real da História, num período em que a humanidade, tentando descobrir-se, se defronta num misto de audácia e medo, com uma realidade ainda carregada de forças ocultas, de mistério e de magia.

O inquestionável, o interdito, o estranho, o inaudito, é o palco onde o drama deste actor se desenrola. A ele cumpre soltar, ir soltando, as amarras de uma tradição estreita e rigorosa, onde o universo escatologicamente ordenado encontra em Deus, e sempre em Deus, o seu ponto mais elevado, e onde a Igreja, sempre a Igreja, zela rigorosamente pela estabilidade desse universo, cada vez mais abalado, mais corroído, menos alicerçado numa História que o ultrapassa.

Zenão é apenas um homem, mas um homem que

aos olhos da sua época se torna extraordinário pela sua audácia, pelo seu arrojo, pelo desafio que lança à escalunação das forças universais; apenas o fogo é solução para acabar com tal desafio; apenas o fogo é suposto poder fazer desaparecer totalmente as ameaças de tal ordem; apenas o fogo pode talvez reduzir a cinzas a semente de algo que, contudo, parece já escapar à força purificadora das chamas.

Os dados estão lançados e com eles a história e o homem; este tentará arrancar aquela às garras das suas forças retrógradadas; aquelas, lançarão ao fogo o seu homem libertador. Cumprir-se-à assim mais um ciclo característico das fases de transformação e agitação humana. Zenão acabará por ser condenado à fogueira, depois de ter recusado a retratação.

Não pretendo aqui abordar esta temática da fogueira, sempre quente, aliás, e sempre presente no século XVI. Pretendo todavia referir o caminho que a ela leva e que desnuda, de alguma forma, o confronto do homem que se quer novo com a tradição de uma época que se revela em falência. Traçarei por isso, em breves linhas, o percurso existencial de Zenão, tentando pôr

em relevo aquilo que no campo das ideias e dos contrastes ideológicos me parece mais significativo. Procura-se assim caracterizar e salientar certos aspectos de um época de transição, sem a compreensão da qual seria impossível a abordagem daquele período denominado Idade Moderna.

Zenão, médico, alquimista, filósofo, está no plano das ideias, e como refere a autora, "ainda marcado pela escolástica contra a qual reage, a meio caminho entre o dinamismo subversivo dos alquimistas e a filosofia mecanicista que teria futuro próximo, entre o hermetismo que coloca um Deus latente no interior das coisas e um ateísmo que diz ainda a custo o seu nome, entre o empirismo materialista do prático e a imaginação quase visionária dos discípulos dos cabalistas". (p. 456)

Zenão, filho ilegítimo de Hilzonde, cresceu para ser homem de igreja. A via clerical era, com efeito, para um bastardo, "o meio mais seguro de viver à vontade e de ter acesso às honras". (p. 34) É assim entregue durante a sua infância aos cuidados educativos do padre local, Bartholommé Campanus, cónego de Saint Donatien, em Bruges. Os seus estudos prosseguirão mais

tarde em Louvain, onde frequenta a escola de teologia que acabará, aliás, por abandonar.

Zenão revela durante este periodo um interesse pelas máquinas, mas os seus talentos mecânicos "valiam-lhe pouca consideração na família, onde era à vez desprezado pela sua indigência de bastardo e vagamente respeitado pelo seu futuro estado de padre". (p. 45-46) Mostra ainda interesse e gosto pelo contacto e observação da natureza, embrenhando-se sozinho pelas florestas, escutando os estranhos conselhos que caem das folhas, observando os vegetais, perdendo-se nas suas especulações alquimistas e extasiando-se na contemplação dos céus.

Nestes momentos, pensava em "Pitágoras, em Nicolau de Cusa, num certo Copérnico de quem as teorias recentemente expostas tinham sido arduamente acolhidas ou violentamente rejeitadas na escola, e um movimento de orgulho o tomava de pertencer a esta industriosa e agitadora raça de homens que domesticam o fogo, transformam a substância das coisas e que investigam o caminho dos astros".( p. 52)

Os interesses que desta forma despontam fazem-no abandonar Bruges, vila de mentalidade

pequena e insuficiente para as suas aspirações. Parte para uma vida errante, dizendo à sua partida de Bruges que queria ver se "a ignorância, o medo, a inércia e a superstição verbal reinavam noutros locais". (p. 72)

Sente-se jovem, em tempo de ruptura e insatisfação com a educação que recebeu. A sua rebeldia está bem patente nas palavras que dirige a Wiwine, antes de partir:

"Que Christien e Jean empalideçam, se quiserem, sob os atributos da pessoa divina. (...) E se o cura, seu tio, que me suspeita de ateísmo, se preocupa com as minhas opiniões, diga-lhe que eu professo a minha fé num Deus que não nasceu de uma virgem, que não ressuscitou ao terceiro dia, mas cujo o reino é deste mundo!" (p. 72)

A voz pública cedo lhe formará imagem de homem de interesses bizarros e de práticas indignas. Interessa-se pela alquimia, pela psicologia, pela anatomia, mas, a mais chocante das ousadias "fazia rebaixar a bela profissão de médico ao aplicar-se de preferência à arte grosseira da cirurgia que suja as mãos de pus e sangue!". (p. 77)

Esta imagem será confirmada pelos livros de sua autoria onde se descrevem minuciosamente as fibras do coração.

Na conversa que trava com o seu primo em Insbruck, este põe-no ao corrente do impacto que as suas obras tiveram no velho cónego de Bruges, seu educador de infância:

"Os vossos Prognósticos de coisas futuras, confirmaram-lhe os seus temores mais negros; o vosso opúsculo sobre a natureza do sangue, que eu não li, pareceram-lhe mais dignos de um barbeiro que de um filósofo; e o vosso Tratado do mundo físico, fê-lo chorar; ele exorcisar-vos-à se o azar vos levar de novo a Breuges" (p. 139)

Mas Zenão não recua perante as ameaças que sobre ele se vão acumulando e que porão a Inquisição no seu encalce.

Cada vez mais se fascina com o estudo da máquina humana e cada vez mais lhe parece que o homem é um microcosmos, a concentração num ponto do que está difuso no todo. Estas são palavras que narram uma das suas experiências:

"No quarto impregnado de vinagre onde dissecávamos o morto que não era mais o filho ou amigo, mas apenas um belo exemplar da má-

quina humana, tive pela primeira vez o sentimento de que a mecânica, por um lado, e a Grande Arte, por outro, não fazem senão aplicar ao estudo do universo as verdades que nos ensina o nosso corpo, no qual se repete a estrutura do Todo. Uma vida inteira não era de mais para confrontar um pelo outro, este mundo onde estamos e este mundo que está em nós". (p. 145)

Avançar no conhecimento deste mundo é entrar num domínio de forças que até então pareciam ocultas, é ganhar o poder mágico de actuar nas prescrições divinas e na ordem universal. "Ciência e contemplação não bastam (...) se elas não se transmutam em poder: o povo tem razão ao ver em nós adeptos da magia branca ou negra. Fazer durar o que passa, avançar ou recuar a hora prescrita, apoderar-se dos segredos da morte para lutar contra ela, servir-se de receitas naturais para ajudar ou frustrar a natureza, dominar o mundo e o homem, refazê-los, talvez criá-los..." ( p.147) eis o perigoso domínio a que Zenão audaciosamente se dedica, e do qual um conhecimento adequado poderia segundo ele servir para a realização da Grande Obra: a produção do ouro.

"Fazer ouro será talvez um dia tão fácil

como soprar o vidro. (...) à força de enterrarmos os nossos dentes nas cascas das coisas, acabaremos por encontrar a razão secreta das afinidades e dos desacordos..." (p. 160)

O domínio destas forças poderosas e mágicas, remete para a experiência e para o manuseamento das coisas, e este empirismo materialista obriga a uma deslocação de valores profundamente perturbadora. A dúvida remete para a experiência, e a experiência desvela a possibilidade de uma explicação mecânica, que cada vez mais escapa aos desígnios pessoais de Deus, que cada vez mais se submete ao poder dominador do homem. E, se muito de místico e incerto encontramos ainda nas práticas e meditações de Zenão, é porque o seu esforço pela autonomia na investigação racional-experimental lhe é entravado pelos processos, pelas fogueiras, pelos livros proibidos, pelas fugas que lhe tornam mais penoso e comprido um caminho novo que por si só se revelava infundável.

Seja como for, Zenão entregar-se-à às suas experiências e conclusões, preferindo explicações de feição mecanicista, a interpretações organicistas e teológicas do universo.

"Quanto mais pensava, mais as nossas ideias, os nossos ídolos, os nossos costumes ditos santos e os das vossas visões que passavam por inefáveis, pareciam engendradas sem mais pelas agitações da máquina humana, tal como o vento das narinas ou das partes baixas, o suor e a água salgada das lágrimas, o sangue branco do amor, as lamas e os excrementos do corpo. Irritava-me que o homem desperdiçasse assim a sua substância própria em construções quase sempre nefastas, falasse de castidade antes de ter desmontado a máquina do sexo, disputasse o livre arbítrio em lugar de pensar as mil razões obscuras que vos fazem pestanejar se aproximo bruscamente um pau dos vossos olhos, ou do inferno, antes de ter questionado de mais próximo a morte". (p. 149)

Ideias como estas conduzirão Zenão ao lugar de perseguido, os seus livros à fogueira inquisitorial e as suas teorias e doutrinas à reprovação clerical.

Quando volta a Bruges, cerca de quarenta anos após a sua partida, não ousa usar o seu próprio nome, escondendo-se sob o pseudónimo de Sebasthien Théus; acabará por suceder ao médico-barbeiro na casa do qual fora acolhido quando

chegara a Bruges.

Nesse periodo imóvel da sua vida, dedica-se sobretudo à meditação que o levava sempre ao corpo, seu principal objecto de estudo; dedica-se também ao estudo das plantas.

O regresso a Bruges ser-lhe-à fatal. Apanhado no meio de um grupo de monges praticantes de uma singular mística carnal, denominada A Assembleia dos Anjos, Zenão prepara o seu novo abandono da vila, pressentindo que o contacto com esses monges suspeitos, nomeadamente com Cipriano, poderia repercutir funestas consequências para a sua pessoa. Todavia, após falhar a sua primeira tentativa de fuga, o destino não lhe proporcionará uma segunda oportunidade. Apanhado no escândalo da Assembleia dos Anjos, agora descoberto e tornado público, Zenão será delatado mentirosamente por Cipriano e, acusado de participar nessas práticas heréticas, é feito prisioneiro.

O seu processo decorrerá como muitos outros, até no seu final: a condenação à fogueira na praça pública.<sup>1</sup>

---

1. Todas as citações tiveram por base o texto

original de Marguerite Yourcenar; a L'Oeuvre au Noir foi editada pela Gallimard em 1968 e existe já uma tradução portuguesa.

Rui Grácio